

## A Adulação à Domiciano nos epigramas de Marcial: uma proposta de estudo

Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de estudo sobre a adulação em Marcial, ressaltando alguns aspectos quanto à vida e à obra do poeta. Além disso, será comentado como Marcial pratica a adulação com os personagens políticos de sua época, em especial a adulação feita a Domiciano. Marcial lança mão do louvor a Domiciano e, em muitos de seus poemas, faz uma espécie de propaganda do governante em troca de benefícios e ganhos pessoais.

Palavras-chave: **Marcial, comportamento, epigrama, adulação, Domiciano.**

**Abstract:** This article has the intent to show a study proposal of the adulation in Martial, highlighting some aspects about poet's life and work. Besides, it will be discussed how Martial practice the adulation with political characters of your age, in particular the adulation made to Domitian. Martial makes use of the praise to Domitian and, in a lot of his poems; he does some kind of propaganda about the ruler in exchange of benefits and personal gain.

Key-Words: Martial, behavior, epigram, adulation, Domitian.

Pouca coisa sabemos sobre a vida de Marco Valério Marcial e o que se reconhece como dados biográficos é encontrado entre seus quase 1500 epigramas divididos em 15 livros. Temos, portanto, conhecido que o poeta nasceu em Bilbilis, na Espanha Terraconense, no mês de março, como narram os epigramas 24 e 29 do livro X, em 39/40 d.C., e chega a Roma no ano de 64, época do grande incêndio da cidade, ficando sob a proteção do Círculo de Sêneca. A sua morte ocorre em 103/104 d.C., em Bilbilis e é anunciada por Plínio, o Jovem, na epístola III. 21.

*Audio Valerium Martialem decessisse et moleste fero. Erat homo ingeniosus acutus acer, et qui plurimum in scribendo et salis haberet et fellis nec candoris minus.*

(Ouço e aflijo-me, pois, Valério Marcial morreu. Era um homem espirituoso, aguçado, ácido e que, escrevendo, possuía muitíssimo de fel e sal e não menos de candura.)

Marcial dedicou-se inteiramente ao gênero epigramático, um gênero considerado menor, de cunho satírico e, às vezes obsceno, e em seus versos, conseguiu transmitir e apontar com aspecto quase real comportamentos tidos como inadequados. Neles veem-se notas irônicas, veias por vezes sarcásticas.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Arlete José Mota.

Como divisão de sua obra se tem: o *Liber Spetaculorum*, onde há relatos de diversos espetáculos realizados durante a inauguração do Anfiteatro Flávio (o Coliseu, em 80 d. C.); os *Epigrammata*, que contém doze livros, publicados a partir de 86 d.C, e onde se tem a maioria de seus escritos; e os chamados *Xênia* e o *Apophoreta*, dísticos reunidos nos dois últimos volumes da coleção, escritos entre dezembro de 83/84 d.C e 85 d.C, respectivamente - o primeiro reúne 127 dísticos que tratam dos alimentos ofertados e consumidos durante a Saturnais e o segundo contém 223 epigramas que fazem referência a itens que compunham os banquetes nos festejos.

Segundo Alexandre Agnolon (AGNOLON, 2009, p. 1-2), de início o epigrama não era considerado um gênero poético, designava apenas as pequenas inscrições em pedras tumulares, estátuas ou monumentos, tendo como característica a brevidade - característica relacionada às dimensões do local em que eram talhados. Outra característica importante é o uso do dístico elegíaco nas composições, responsável pela melodia melancólica ou severa.

Como se observou, em um primeiro momento, o epigrama tratava de inscrições votivas e fúnebres. Mas, a partir do século IV, é que o epigrama sai das pedras para as páginas, adquirindo o status de gênero poético; os temas austeros e pesados se juntam a uma temática mais leve e mais nova. Deste período destacam-se os epigramas de Calímaco de Cirene e também a temática erótico-amorosa que se fez conhecida em Roma por se aproximar de um gênero mais difundido na *Vrbs*: a elegia amorosa.

Para os romanos, o epigrama representava quaisquer tipos de inscrições breves. Aos temas habituais juntam-se as crônicas do cotidiano com uma temática variada – mesmos temas considerados fúteis teriam seu espaço no epigrama, que, com o passar do tempo, sofreu inúmeras alterações, consideradas subversão de seus valores como, por exemplo, a introdução de matizes obscenos e licenciosos.

Marcial foi o grande expoente do gênero. O que se difere na obra do poeta é a maestria com que soube manejar o humor em suas linhas e o que era singular também era o modo como o poeta estruturava seus versos, que assim se caracterizavam: uma parte mais extensa, onde o poeta explicava e expunha o desenvolvimento do tema criando certa tensão no leitor e uma segunda parte que continha uma espécie de quebra de expectativa com uma frase picante, um dito mordaz, algo que fosse responsável pelo humor e pela graça do epigrama.

Mesmo que o gênero epigramático não fizesse parte dos gêneros nobres da literatura latina à época, como a tragédia e a epopeia, Marcial agradava aos seus leitores, em consequência da vivacidade de seus escritos e da facilidade de leitura, ocasionada pela menor extensão de seus versos, em contraposição àqueles que eram admirados, mas pouco lidos. O poeta atesta que era conhecido em todo o orbe.

I, 1<sup>2</sup>

*Hic est quem legis ille, quem requiris,  
toto notus in orbe Martialis  
argutis epigrammaton libelliscui, lector studiose, quod dedisti  
uiuenti decus atque sentienti,  
rari post cineres habent poetae.*

(Eis aqui quem lê e a

Quem buscas, o famoso Marcial, conhecido

Em toda orbe por picantes livrinhos de epigramas

Oh! Leitor aplicado! A honra que deste

Àquele que vive e que sente,

raros poetas têm após as cinzas.)

Em seus epigramas, Marcial aborda o comportamento humano de forma geral, defeitos físicos e aspectos psicológicos, levando o leitor a questionar qual seria o papel do homem na sociedade à época. Desfilam todos os tipos de caracteres: os devassos, os plagiários, os beberrões, os glutões, os avarentos, a moça casadoura, os falsos amigos. São comportamentos expostos e evidenciados por personagens que se aproximam dos personagens-tipo da comédia, isto é, uma representação de um determinado comportamento, de reconhecimento da coletividade e de fácil associação por parte do leitor/expectador – cite-se, por exemplo, o personagem Euclião na peça *Aulularia*, de Plauto, que possui como característica essencial a extrema avareza, vício também apontado por Marcial. O epigramista forja estas personagens em seus hábitos mais corriqueiros, em oposição ao que ocorre nas grandes epopeias, que pretendiam retratar os feitos considerados heroicos do homem romano, como se o poeta fosse um cronista social de sua época.

Marcial dirige seus escritos, em sua maioria, a pessoas que parecem imaginárias, ele não menciona os nomes das personagens que satiriza; quando faz alguma homenagem, entretanto, o poeta lança mão de nomes verdadeiros. Critica apenas os vícios, sem uma preocupação moralizante, retratando-os com ironia, humor e mordacidade. O objetivo não era reprovar ou condenar algum comportamento e sim gracejá-lo - alguns vícios, o poeta confessou cometer.

<sup>2</sup> Todos os textos de Marcial foram traduzidos por nós e a edição crítica utilizada foi: MARTIALIS. *Epigrammata*. Edited by Lindsay, W.M Oxford, 1959. Quanto aos demais textos, serão indicadas as traduções encetadas por outros tradutores.

O poeta não obteve grandes lucros nem uma vida abastada com a venda de seus livros. Ainda que possuísse algumas propriedades e escravos, se diz pobre e consegue sobreviver com a sua condição de cliente, o que não lhe agradava muito e tal fato foi tema de vários poemas em que reclamava dos patronos ingratos. O poema VIII, 55 pode servir de exemplo: o poeta busca um patrono que o reconheça como poeta, não qualquer patrono, Marcial quer um Mecenas, como tiveram Virgílio e Horácio.

Segundo Leite (2003, p. 20), "o patronato surge em uma rede de relações de dependência entre cidadãos que reconheciam suas diferenças de poder e status" e era uma relação baseada na fidelidade. Seria então uma troca recíproca de serviços: o patrono era bem relacionado em diversas esferas da sociedade e beneficiava o cliente com apoio e proteção e, em contra partida, o cliente contribuía com alguns serviços como a *salutatio* - o dever de o cliente saudar o patrono pela manhã. O *cliens* recebia a *sportula*, que originalmente era uma cesta de refeição e no Império passou a ser uma quantia em dinheiro distribuída na hora do jantar; no governo de Domiciano, a recompensa foi substituída pela oferta, por parte dos patronos, de um convite para um banquete.

As queixas sobre a obrigação<sup>3</sup> do cliente permeiam a obra de Marcial. As dificuldades eram tantas que culminam com o regresso do poeta desanimado para a sua terra natal. Com tantas obrigações como cliente, a todo o momento, Marcial se queixa também que não sobra muito tempo para praticar a sua poesia.

Marcial satiriza assim essa relação de patrono/cliente. Cite-se, por exemplo, o epigrama 46 do livro III em que se oferece para enviar a Cândido, seu patrono, um liberto que possa desempenhar as tarefas que seriam uma obrigação do poeta como cliente. Do mesmo modo reclama de patronos que não agem como tal, lamuria-se de não haver um Mecenas e no epigrama V, 19, versos 15 – 18, após enumerar os feitos do *princeps*, aponta que só o Imperador teria condições de ser um patrono, o seu patrono, por causa de uma certa liberalidade governamental, segundo os relatos de Suetônio. Seguem os versos:

*Quatenus hi non sunt, esto tu, Caesar, amicus;*

*nulla ducis uirtus dulcior esse potest.*

*Iam dudum tacito rides, Germanice, naso*

*utile quod nobis do tibi consilium.*

(Já que eles não são amigos, César, que tu o sejas

Nenhuma virtude pode ser mais doce para os chefes.

Já, há algum tempo ris , Germânico

<sup>3</sup> Sobre a obrigação do *cliens* podemos destacar, por exemplo, o epigrama V, 8, onde o poeta narra a sua rotina para conseguir um convite para um jantar.

franzindo o nariz, porque útil para nós é o conselho que te dou.)

Uma característica desta relação de patronato era a adulação. Comente-se que, ao mesmo tempo em que Marcial criticava tal ação, ele próprio a praticava, o que se pode ver no epigrama II, 27. Sélio é um cliente desejoso por um convite para jantar - aliás, este tema é recorrente em alguns epigramas do poeta. Apenas os clientes próximos dos patronos seriam convidados para os banquetes e a convivência em um evento como esse acarretaria mais relações de amizade e prestígio (uma maneira de conseguir um convite para o banquete seria nas recitações):

## II, 27

*Laudantem Selium cenae cum retia tendit*

*accipe, siue legas siue patronus agas:*

*"Effecte! grauter! cito! nequiter! euge! beate!"—*

*'Hoc uolui!" "Facta est iam tibi cena, tace."*

(Observa Sélio, bajulando, quando lança as redes no jantar, caso

recites ou atues como patrono:

"Perfeito! Que força! Que rápido! Engenhoso! Bem feito! Muito bem!

Isto é o que eu queria!". "Tens já o jantar cala-te.")

Na busca incessante por um convite, Sélio exagera nos elogios ao seu patrono. Cansado de ouvir os infundáveis elogios, o poeta manda que Sélio se cale, já conseguiu o que queria, por isso não precisa mais bajular ninguém. Com o epigrama citado acima, em que fatos relacionados à experiência do poeta como *cliens*, relacionam-se, por exemplo, os seguintes epigramas: II,11; II,13; II,14; II,69; V,47 e VIII,42, todos eles mostrando as tentativas da personagem Sélio em conseguir um lugar para jantar.

A maior parte da obra de Marcial foi escrita durante o governo de Domiciano (81- 96 d.C.) - alguns de seus livros foram dedicados a ele, como o livro V. Marcial muitas vezes lança mão de epítetos como *Caesar* e *dominus*, e, segundo Suetônio (Cf. PIMENTEL, 2004, p. 22) foi o próprio Domiciano que instituiu os epítetos *dominus* e *deus* para que se dirigissem a ele<sup>4</sup>. Cite-se, como exemplo de dedicatória, o prefácio do livro VIII, escrito em prosa, onde Marcial assim saúda Domiciano: *Imperatori Domitiano Caesari Augusto Germanico Dacico Valerivs Martialis S.* ("Valério Marcial saúda o Imperador Domiciano César Augusto Germânico Dácico"). E continua o poeta:

<sup>4</sup> Ver também o epigrama 8 do quinto livro dos *Epigrammata*.

*Omnes quidem libelli mei, domine, quibus tu famam, id est uitam, dedisti, tibi supplicant; et, puto, propter hoc legentur. Hic tamen, qui operis nostri octauus inscribitur, occasione pietatis frequentius fruitur*

(De certo, dediquei a ti todos os meus livrinhos, senhor, aos quais tu deste a fama, isto é, a vida, e a ti eles suplicam, e, penso eu, que serão lidos exatamente por isso. Este, porém, que se designa como o oitavo de minha obra, com mais frequência regozija-se com a ocasião de devoção.)

Acrescente-se que não foram publicados durante o governo de Domiciano os epigramas do *Liber Spetaculorum*, escritos durante o governo de Tito. Além disso, a reedição do livro X e o livro XII foram publicados sob o principado de Trajano e o livro XI sob o governo de Nerva.

As fontes clássicas descrevem Domiciano como um tirano cruel e esta imagem teve origem em escritores que foram hostis ao imperador: Tácito, Plínio, o Jovem, e Suetônio. Mesmo assim, Domiciano é considerado um governante eficiente, cujos programas pacíficos, culturais e econômicos foram precursores do próspero século II.

Suetônio (JONES, 1993, p. 22, 72 e 99), nos escritos sobre reinado de Domiciano, reveza entre a descrição de um Imperador que ora é tirano e ora possui grande inteligência e um caráter refinado. Ainda segundo o historiador, o Imperador tentou ressuscitar os antigos costumes e restabelecer a moral romana. Os projetos urbanísticos eram destinados a renovar o capital cultural do império, entre a construção e reconstrução de inúmeras estruturas. Por fim, veio a falecer sendo vítima de conspiração palaciana tramada por oficiais da corte em 96 d.C. e sucedido por Nerva, que foi aclamado Imperador no mesmo dia do assassinato de Domiciano.

MACERA (2008, pg. 175) afirma que

Desde este momento, Marcial se convierte en un propagandista de la política urbanística de Domiciano y también de su política moral, de seguridad, cultural, etc. implementada en la capital del Imperio; a través de la propagación de los epigramas, en forma escrita y oral, se promociona, parcial y positivamente, entre los distintos sectores sociales el gobierno del emperador Domiciano<sup>5</sup>.

Marcial adoulu tanto Domiciano quanto o seu antecessor, Tito, com o *Liber Spetaculorum* em 80 d.C. Como recompensa ao seu trabalho, lhe foram concedidas as vantagens do *ius trium liberorum*<sup>6</sup> -

<sup>5</sup> “A partir deste momento, Marcial torna-se um propagandista da política urbana Domiciano e de sua moral política, de segurança, cultural, etc, implementados na capital do Império; através da disseminação dos epigramas, escritos e em forma oral, é promovida, em parte, de forma positiva, entre os diferentes setores sociais no reinado do imperador Domiciano” (tradução nossa).

<sup>6</sup> O *ius liberorum* consistia em uma série de direitos e privilégios concedidos por Augusto, através da lei Pápia Popéia de 9 d.C., aos cidadãos casados e que possuíam filhos. Eram recompensados os cidadãos romanos que tivessem pelo menos três crianças ou libertos que tivessem pelo menos quatro crianças. Inicialmente era como

“o direito sobre os três filhos” (FITZGERALD, 2007, p. 12 e 136), sendo prova de seu caráter literário e não pela sua situação familiar, já que o poeta era solteiro - fora concedido por Tito e ratificado por Domiciano, conforme os epigramas 91 e 92 do livro II. Como exemplo, cite-se o segundo:

**II, 92**

*Natorum mihi ius trium roganti  
Musarum pretium dedit mearum  
solus qui poterat. Valebis, uxor:  
non debet domini perire munus.*

(O direito dos três filhos, a mim aquele que o pedia

Deu como prêmio por minhas Musas

O único que podia concedê-lo. Vai-te embora, esposa:

O benefício do senhor não se deve desperdiçar.)

No epigrama 95 do terceiro livro Marcial diz que além da concessão das vantagens do *ius trium liberorum*, ainda lhe foi concedido os títulos de *tribunus* e de *eques*.

**III.95 (1-12)**

*Numquam dicis haue sed reddis, Naeuole, semper,*

*quod prior et coruus dicere saepe solet.*

*Cur hoc expectas a me, rogo, Naeuole, dicas:*

*nam, puto, nec melior, Naeuole, nec prior es.*

*Praemia laudato tribuit mihi Caesar uterque*

*natorumque dedit iura paterna trium.*

*Ore legor multo notumque per oppida nomen*

*non expectato dat mihi fama rogo.*

*Est et in hoc aliquid: uidit me Roma tribunum*

*et sedeo qua te suscitatur Oceanus.*

*Quot mihi Caesareo facti sunt munere ciues,*

---

um incentivo ao casamento, mais tarde, se transformou em um favor concedido a qualquer pessoa, mesmo solteira e sem filhos, como foi concedido a Marcial por Tito e ratificado por Domiciano, visto que o imperador sucessor tinha que ratificar as medidas do seu antecessor.

*nec famulos totidem suspicor esse tibi.*

( Oi nunca dizes, Névolos, e sempre respondes

E até o corvo dizeis na frente sabe

Por que apenas de mim? Me diz, Névolos, eu peço:

Nem Névolos és melhor, nem 'tás' à frente

Os dois céssares deram prêmio a mim, tem direito

Como o pai de três filhos, tem direito

Leem-me muitos e um nome sabido no mundo

Deu-me fama ao pedido inesperado

E algo mais nisso tem: me viu tribuno em Roma

Por mim se fez mais cidadão, co'os dons de César

Do que, suspeito, é o seu total de escravos. Tradução: Fábio Paifer Cairolli (Cairolli, 2014).

O comportamento bajulador de Marcial pode ser considerado como tática de sua posição como cliente. Marcial lança mão do louvor a Domiciano e tenta fazer uma espécie de propaganda do governante, em troca de benefícios e ganhos pessoais. O poeta celebra as vitórias militares do governo: tem-se, por exemplo, os epigramas I, 4 (que narra a vitória sobre Cato, na região do Reno, em 82/83 d.C – aqui Marcial cita que até mesmo em um espaço de gracejos há momentos para celebrar os triunfos) e VII, 6 e VIII,11 (que narra a vitória sobre os sármatas em 92 d.C.).

É frequente a referência a um aspecto comportamental de animais, como o leão, por exemplo – de onde se entendem os chamados ciclos de poemas em que figuram estes animais. Cite-se o emprego alegórico em I, 14, onde o poder de Domiciano é comparado a de um leão na arena. Aqui, tem-se a clemência, característica do leão, por permitir que a lebre saia ilesa. No epigrama 6, do mesmo livro, notem-se as referências a leões e à águia, simbolizando o poder de Domiciano e de Júpiter, respectivamente.

Além disso, destaca-se, ainda, como estratégia adulatória, a comparação do monarca com Júpiter, o maior dos deuses, como o epigrama VII, 99, onde o poeta usa o epíteto Tonante para se referir a Domiciano e não ao deus Júpiter. Além da comparação com o deus, aponta-se que no livro IX há várias comparações do Imperador com o semideus Hércules - em alguns, o monarca é até superior ao herói. Marcial, segundo CAIROLLI (2011, p. 74), o primeiro poeta a declarar a divinização de um Imperador, enquanto este ainda vivia. Os historiadores à época apontavam que Domiciano construiu monumentos e estátuas onde figurava a fisionomia do *princeps*. Sobre isso tem-se, por exemplo, os epigramas VIII, 24 (citado a seguir) e IX, 24 (onde, em uma estátua, figura a face do governante).

## VIII, 24:

*Si quid forte petam timido gracilique libello,*

*inproba non fuerit si mea charta, dato.*

*Et si non dederis, Caesar, permitte rogari:*

*offendunt numquam tura precesque louem.*

*Qui fingit sacros auro uel marmore uultus,*

*non facit ille deos: qui rogat, ille facit.*

(Se alguma coisa reclamo neste livrinho tímido e pequenino

E se minha página não for tão descarada, dá-me.

E se não deres, César, permita que rogue:

Nunca as orações e os incensos ofendem a Jove

Quem esculpe sagrados rostos em mármore áureo

Não faz os deuses; quem roga, este faz.)

A investidura do poder do *princeps* depende de quem peça algo a ele, por isso, Marcial se vale de comparar Domiciano com Júpiter, para que o monarca fosse um deus, este precisaria atender os apelos de seus súditos e não somente ter o seu rosto esculpido em estátuas.

Ainda adula, como parte de sua estratégia de *marketing*, algumas pessoas que fazem parte do círculo do *princeps*, como Partênio, escravo de quarto do Imperador que foi homenageado em muitos epigramas, mais tarde, este mesmo Partênio, segundo Suetônio, teria participado da conspiração que resultaria no assassinato do monarca em 96.

Marcial também lisonjeia as pessoas de altos postos do governo, como Sílio Itálico, Plínio, o Jovem, Arrúncio Estela, entre outros. Segundo Maria Cristina de Castro Pimentel (PIMENTEL 2004, p.16), uns eram efetivamente patronos e amigos de Marcial e outros eram patronos desejados pelo poeta. A este círculo se juntam as pessoas ligadas à arte como arquitetos ou escritores daquele tempo, como Quintiliano, preceptor dos filhos adotivos de Domiciano. Ao elogiar as qualidades dos funcionários do palácio, se tem um passo importante para se concretizar o processo adulatorio à Domiciano, sendo assim, uma garantia de acesso ao favor que o poeta tanto ansiava.

Marcial também adula o círculo familiar do *princeps*, aqueles que faziam parte por causa do parentesco de sangue ou por serem libertos do Imperador, como por exemplo, o filho que Domiciano teve com Domícia Longina, sua mulher, e que morreu ainda criança, no ano de 73<sup>7</sup>.

Após o assassinato de Domiciano, Marcial ainda continua a adular Nerva e Trajano, sem muito sucesso, pois está longe de Roma. Percebe-se que seus versos, quando adula os sucessores de Domiciano, não são mais carregados de leveza: são versos com tom austero e menos humorísticos. Marcial, em 98, regressa a sua terra natal, onde permanece até seu falecimento em 104.

Por fim, fica a dúvida se Marcial adulou o *princeps* à época, porque o admirava, ou adulou por ser uma estratégia de propaganda, conveniente para a sua própria carreira como epigramista e para a busca da tão almejada fama, garantindo sua sobrevivência e sua estabilidade financeira.

### Referências Bibliográficas:

AGNOLON, Alexandre. Poesia e agudeza: algumas considerações acerca do Epigrama entre os antigos. (<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/l213.pdf> - acesso feito em 10 de fevereiro de 2014).

CAIROLLI, Fábio Paifer. A imagem de Domiciano em Marcial e em moedas de seu tempo. In: Algumas visões da Antiguidade – Coleção Estudos Clássicos. Volume 2. 7 Letras, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Marcial Brasileiro*. Tese de Doutorado. USP, 2014.

CESILA, Robson Tadeu. *Metapoesia em Marcial: tradução e análise*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2004.

FITZGERALD, William. *Martial: The world of the Epigram*. University of Chicago Press, 2007.

JONES, Brian W. *The Emperor Domitian*. Routledge, 1993.

LEITE, Lei Ribeiro. *O patronato em Marcial*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2003.

MACERA, Diego Gerardo Naselli. Marco Valerio Marcial: ¿Propagandista del Emperador Domiciano? *Anuario de la Escuela de Historia Virtual* – Año I – N° 1 – 2010: pp.168-178.

MARTIALIS. *Epigrammata*. Edited by Lindsay, W.M. Oxford, 1959.

PIMENTEL, Maria Cristina de Castro -Maia de Sousa. Política e história nos Epigramas de Marcial. In: *Revista Humanitas*, 2004 – pp. 13-31.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Editora Martin Claret. Série Ouro. São Paulo, 2004.

<sup>7</sup> Conforme os epigramas IV, 3 e IX, 89.